

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR
CAMPUS CURITIBA II – FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ/FAP
CURSO DE CINEMA E VÍDEO

LUIZ FELIPE FUCK DE MIRA

CINEMA E TARÔ:
A RELAÇÃO ENTRE O FILME “CAVALEIRO DE COPAS” E A SIMBOLOGIA
TAROLÓGICA

CURITIBA

2018

LUIZ FELIPE FUCK DE MIRA

CINEMA E TARÔ:

**A RELAÇÃO ENTRE O FILME “CAVALEIRO DE COPAS” E A SIMBOLOGIA
TAROLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Cinema e Vídeo da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná – FAP, como requisito para obtenção do título de bacharel em Cinema e Vídeo.

Orientador: Marcos H. Camargo

CURITIBA

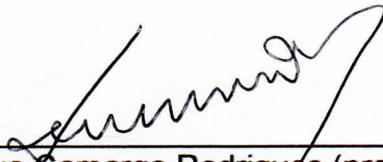
2018

LUIZ FELIPE FUCK DE MIRA

CINEMA E TARÔ: A RELAÇÃO ENTRE O FILME CAVALEIRO DE COPAS E A SIMBOLOGIA TAROLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Curitiba III/ Faculdade de Artes do Paraná - FAP.

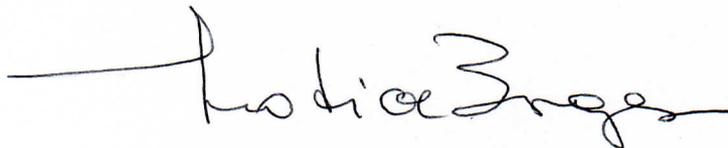
Aprovado em 29 de Novembro de 2018.



Prof. Dr. Marcos Henrique Camargo Rodrigues (presidente/orientador)
Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Profa. Dra. Cristiane do Rocio Wosniak
Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Profa. Monica Prado Berger
Fundação Cultural de Curitiba

Dedico esta monografia a Paula Heloisa Bonomini, *gone too soon* (e que teria adorado essa frase) e a todas as pessoas que enfrentam, todos os dias, o difícil e valioso caminho do autoconhecimento.

AGRADECIMENTOS

A meus pais e irmã, pelo constante amor e apoio.

À UNESPAR e seus professores, pelo auxílio e guia na pesquisa, escrita e formatação desta monografia: Juslaine Abreu-Nogueira, Eduardo Baggio, Marcos Camargo e Cristiane Wosniak.

À Monica Berger, pela sensibilidade, iniciativa e recepção.

A Tainara Nogueira, Paulo Joss, Bruna del Valhe, Lucas Carrera, José Lucas Nunes Alves, Sthéfanie Fuck, Vitória Fuck, amigos leais que tornaram (e continuam a deixar) a caminhada mais leve.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo estabelecer uma relação entre o longa-metragem estadunidense Cavaleiro de Copas (Terrence Malick, 2015) e sete cartas de tarô que delimitam sua divisão narrativa, empreendendo um estudo sobre a jornada do protagonista através desses capítulos fílmicos e acerca dos símbolos presentes nos trunfos selecionados. O filme apresenta o protagonista Rick, um roteirista de 30 anos que vive em Los Angeles e busca sentido em sua vida, empreendendo uma jornada pessoal e simbólica através de diversos encontros e experiências. Aliado ao tarô, tal percurso ganha uma amplitude interpretativa e também serve de amparo pessoal ao autor, na busca por autoconhecimento. A parte analítica do texto baseia-se no artigo *In critical condition*, de David Bordwell, que se apoia em Monroe Beardsley e suas quatro atividades constituintes da crítica (descrição, análise, interpretação e avaliação).

Palavras-chave: Cinema. Cavaleiro de Copas. Tarô. Simbologia.

ABSTRACT

This monography aims to establish a relationship between the American feature film *Knight of Cups* (Terrence Malick, 2015) and seven tarot cards that sets out its narrative division, undertaking a study of the protagonist's journey through the film chapters and the symbols presented in the selected cards. The film features the protagonist Rick, a 30-year-old writer who lives in Los Angeles and seeks meaning in his life, undertaking a personal and symbolic journey through various encounters and experiences. Allied to the tarot, his path gains an interpretative amplitude and also serves as a personal journey to the author, who also searches for self-knowledge. The analytical part of the text is based on David Bordwell's article *In critical condition*, which relies on Monroe Beardsley and his four critical activities (description, analysis, interpretation and evaluation).

Keywords: Cinema. Knight of Cups. Tarot. Symbology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cavaleiro de Copas em quatro diferentes baralhos	11
Figura 2 – Mandala do tarô.....	13
Figura 3 – Possível tiragem dos capítulos-carta	14
Figura 4 – Frontispício da primeira edição de O peregrino.....	16
Figura 5 – Plano inicial do filme e o Cavaleiro de Copas de Rider-Waite.....	17
Figura 6 – Rick e as mulheres em seu conversível.....	18
Figura 7 – Dois pôsteres do filme.....	19
Figura 8 – A Lua.....	20
Figura 9 – Cartomante aponta a carta que nomeia o filme	23
Figura 10 – O Enforcado	23
Figura 11 – Criança no balanço e carta do Enforcado.....	25
Figura 12 – O Eremita	27
Figura 13 – A suntuosa festa organizada por Tonio.....	28
Figura 14 – Rick imerso ao final do capítulo	30
Figura 15 – Julgamento	30
Figura 16 – Rick e Nancy ao final do capítulo	32
Figura 17 – A Torre	32
Figura 18 – A carta do Sol submersa.....	33
Figura 19 – Torres e degraus	34
Figura 20 – A Sacerdotisa	37
Figura 21 – A Lua e diversas torres em <i>contra-plongée</i>	39
Figura 22 – Rick perambula pela festa	39
Figura 23 – A Sacerdosita: Hibert e um plano do filme.....	41
Figura 24 – Morte	41
Figura 25 – Comparação entre Cavaleiro de Copas e a Morte.....	42
Figura 26 – Elizabeth observa uma estátua religiosa	43
Figura 27 – Rick no deserto.....	46
Figura 28 – Último plano do filme	47
Figura 29 – Singles do álbum <i>hopeless fountain kingdom</i>	48
Figura 30 – Tarô em mídias atuais	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	O QUE É O TARÔ?	10
3	ESTUDO DE CASO: A DIVISÃO DO FILME “CAVALEIRO DE COPAS” EM SETE CAPÍTULOS-CARTA	15
3.1	ESTRUTURA.....	15
3.2	CAVALEIRO DE COPAS: UMA JORNADA.....	16
3.3	A LUA.....	20
3.4	O ENFORCADO.....	23
3.5	O EREMITA.....	27
3.6	JULGAMENTO	30
3.7	A TORRE	32
3.8	A SACERDOTISA.....	37
3.9	MORTE.....	41
4	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	50
	ANEXOS	53
	ANEXO A – Arcanos maiores do tarô (22 cartas)	53
	ANEXO B – Arcanos menores do tarô (40 cartas)	54
	ANEXO C – Arcanos menores do tarô (Figuras da corte – 16 cartas).....	55
	ANEXO D – Carta do Cavaleiro de Copas em detalhe.....	56

1. INTRODUÇÃO

Lembra da história que eu te contava quando você era garoto? Sobre um jovem príncipe. Um cavaleiro, enviado por seu pai – o Rei do Leste – que foi ao Egito procurar uma pérola. Uma pérola das profundezas do oceano. Mas quando o príncipe chegou, o povo serviu-lhe um copo que tirou sua memória. Ele esqueceu que era filho do Rei, esqueceu da pérola e caiu em um sono profundo. O Rei não esqueceu de seu filho: ele continuou a enviar palavras, mensageiros, guias. Mas o príncipe continuou dormindo (CAVALEIRO, 2015, 00:03:05).

O trecho acima transcreve parte do enredo do Hino da Pérola, texto de origem (prevê-se entre 200-255 DC) e autoria indefinidos, pertencente aos Atos de Tomé. Nele é narrada a jornada alegórica de um príncipe que deixa os confortos de sua casa para buscar uma pérola numa terra distante. Tal premissa é a base da narrativa a ser desenvolvida no longa-metragem estadunidense Cavaleiro de Copas, escrito e dirigido por Terrence Malick, em 2015.

O filme acompanha Rick, roteirista de trinta anos que vive em Los Angeles nos tempos atuais e leva uma vida regada a festas, libidinagem e excessos. Ao decorrer dos eventos, ele começa a refletir e ter crises em seus relacionamentos humanos. Seguimos então a desenvoltura de suas atitudes e como elas influenciam a relação com suas parceiras amorosas, seu pai, irmão e ex-esposa, além de outras pessoas que encontra pelo caminho.

Cavaleiro de Copas é dividido em oito capítulos que seguem a jornada do protagonista, nos quais sete deles são nomeados através de cartas do tarô. Esta monografia pretende estabelecer uma conexão entre essas cartas e a divisão narrativa desse longa-metragem, utilizando-se da simbologia presente nos trunfos escolhidos.

O interesse por este tema teve início com a experiência sensorial que o filme me trouxe, com seus questionamentos acerca da vida e dos relacionamentos humanos. O cinema fluido e filosófico de Terrence Malick me surpreendeu desde o contato com A Árvore da Vida (2011) – seu filme de retomada após seis anos afastado da direção – assim como os posteriores Amor Pleno (2013) e o documentário *Voyage of Time* (2016), igualmente interessantes e com características fílmicas semelhantes. A experiência sonora também foi crucial para o processo de imersão no longa-metragem: converti o filme em um arquivo de áudio, coloquei-o em meu celular e segui ouvindo-o por várias semanas. Tal ato proporcionou a descoberta de nuances e particularidades e me tornou mais próximo da obra em outra esfera que não apenas a imagética. O desenho sonoro de Cavaleiro de Copas é um trabalho incrível: nem sempre linear com os acontecimentos, os diálogos são acompanhados de *voices over*, sons ambientes e trilha sonora musical. Inclusive, há um aviso antes do início do filme: “Para reprodução de som ideal, os produtores deste filme recomendam que você toque bem alto”. Apenas escutando, conseguia

trazer à mente a imagem correspondente do filme, ao mesmo tempo que criava outras a partir de minha própria rotina. “[...] ao pesquisar, ao pensar, ao escrever, estamos investindo em nós mesmos, numa espécie de exercício daquilo que os gregos clássicos entenderam como “arte da existência” (FISCHER, 2005, p. 125).

O estudo da análise fílmica no início da graduação produziu as condições para um conhecimento analítico sobre o cinema. O baralho de tarô me despertou curiosidade tanto em si próprio, como na sua utilização no referido filme: sendo uma arte óptica – assim como o cinema – o tarô e sua simbologia compartilham estreita relação com a psicologia jungiana e a jornada do herói, temas com os quais também tive contato nos últimos quatro anos – tanto na universidade quanto fora dela, em minha vida pessoal.

Portanto, meu objetivo é meu próprio questionamento, que se estende para além das relações entre o filme e o tarô: se aplica ao meu autoconhecimento.

2. O QUE É O TARÔ?

O tarô é um baralho composto por 78 cartas, divididas em dois grupos: 22 arcanos maiores (ANEXO A) e 56 arcanos menores, estes últimos compostos por 10 cartas de cada um dos quatro naipes (copas, espadas, ouros e paus – ANEXO B), além das figuras da corte (Valete, Rainha, Rei e Cavaleiro – ANEXO C) para cada naipe. Organizadas segundo sua estrutura e numerologia, as cartas formam uma mandala (círculo sagrado, em sânscrito), símbolo que tem como fundamento a noção da totalidade e unidade.

A data e local de origem exatos do baralho são indefinidos, porém muitas são as hipóteses sobre seu surgimento. De fato, os primeiros registros referentes às cartas datam da Europa ao final do século XIV e início do século XV.

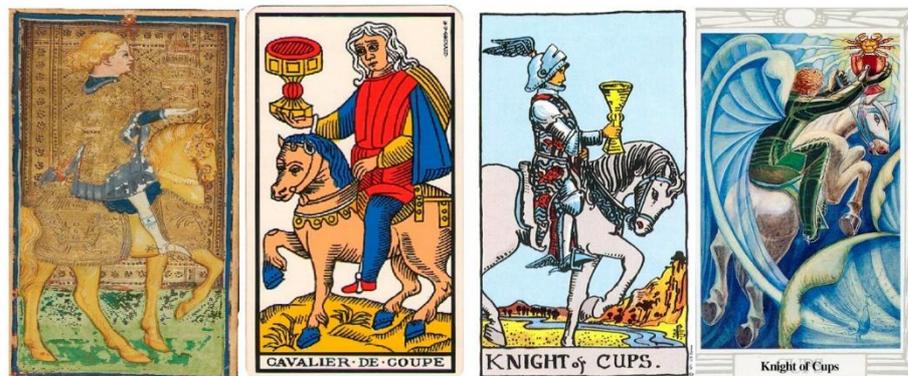
O mais antigo relato preservado sobre o jogo de cartas na Europa data de 1377 e foi escrito por um monge chamado Johannes von Rheinfelden (apud Kaplan, 1997:16). O religioso registrou em Bregenz, na Suíça, que “um jogo chamado jogo de cartas (ludus cartarum) chegou até nós nesse ano de 1377” (ROSA JÚNIOR, 2010, p. 16).

As cartas têm relação com os nobres e seus jogos recreativos envolvendo os trunfos, que eram encomendados por artistas visuais da época. Segundo Waite (1985, p. 26), “[...] é bem sabido que no ano de 1393 o pintor Charles Gringonneur [...] desenhou e iluminou algumas espécies de cartas para diversão de Carlos VI da França, quando este se encontrava sofrendo das faculdades mentais”.

Neste mesmo período, o comércio dos mamelucos – escravos militares oriundos da Rússia e Turquia – com o continente europeu também é apontado como uma hipótese para a chegada do baralho à Europa, sendo que esse povo já tinha desenvolvido algumas cartas e originado os naipes que conhecemos hoje. Algumas cartas da antiguidade chinesa e indiana também compartilham similaridades com as do tarô conhecido atualmente. Entretanto, um panorama histórico não é meu objetivo aqui. Nesta monografia, usarei o termo “tarô”, reconhecido pelos dicionários *online* Michaelis e Dicio.

Não existe apenas um tipo de tarô. Com o passar do tempo, várias doutrinas e ocultistas criaram/adaptaram suas próprias versões a partir de interpretações pessoais e mudanças sociais e culturais mundiais. A citar alguns autores e estudiosos eminentes na história do tarô: Eliphas Levi, Jean-Baptiste Alliette/Etteilla, Aliester Crowley, dentre outros. Portanto, encontram-se disponíveis diversos baralhos: o alquímico, astrológico, sexual, cigano, egípcio, mitológico, maçônico, cabalístico, dentre outros. Na Figura 1, vemos quatro versões da carta do Cavaleiro de Copas, respectivamente: Visconti-Sforza (século XV), Marselha (século XVII), Waite e Crowley (século XX).

Figura 1 – Cavaleiro de Copas em quatro diferentes baralhos



Fonte: Clube do Tarô¹

Um dos baralhos mais tradicionais e estudados até hoje é o tarô de Marselha, surgido no século XVIII na cidade homônima ao sul da França e impresso pelo gravador Nicolas Conver a partir de 1760, com as lâminas de impressão pintadas à mão. No decorrer dos anos, as diversas adaptações e a mecanicidade dos processos tipográficos, com o advento de técnicas industriais, fizeram as cartas perderem certos detalhes e características.

¹ Disponível em: < www.clubedotaro.com.br/site/index.asp>. Acesso em: 22 out. 2018.

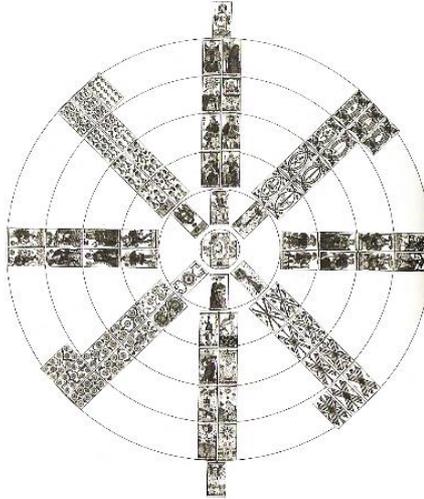
Pode-se notar que o baralho escolhido para a divisão narrativa do filme é aquele desenvolvido pela ilustradora Pamela Coleman Smith e o ocultista Edward Arthur Waite no início do século XX (por volta de 1909) por vários motivos: 1) à diferente nomenclatura das cartas, já que no tarô de Marselha ‘A Sacerdotisa’ chama-se ‘A Papisa’ e ‘A Morte’ é ‘O Arcano sem Nome’; 2) o aparecimento de algumas delas em trechos do filme; 3) a tipografia do título do filme se assemelha ao do tarô de Waite. Seu conjunto de cartas foi o primeiro a utilizar ilustrações mais acessíveis e não tão abstratas nos arcanos menores.

Sendo o tarô de Marselha o mais tradicional e por possuir alta relevância histórica, decidi manter as duas versões para uma melhor apreciação e entendimento, tanto do leitor quanto minha. De qualquer maneira, as interpretações tradicionais (que tomo como base) são praticamente as mesmas nos dois baralhos mencionados. “Destarte, nenhum Tarô dos dias de hoje pode ser chamado autêntico em qualquer sentido” (NICHOLS, 1988, p. 22).

O tarô também possui um caráter adivinatório, principalmente nos 56 arcanos menores. A carta do Cavaleiro de Copas, por exemplo, é um arcano menor do naipe de copas, pertencente ao grupo de figuras da corte. Entretanto, a esfera divinatória do baralho não será explorada neste estudo.

Já sob o simbolismo dos 22 arcanos maiores, existe o que Carl Gustav Jung chamou de “caminho da individuação”, uma rota potencial que o ser humano pode percorrer durante a vida e atingir sua totalidade, a conscientização do indivíduo sobre si mesmo. O tarô seria, então, um veículo de evolução do ser. O fundador da Psicologia Analítica estudou diversas culturas mundiais e cunhou o conceito de arquétipo – imagens presentes no inconsciente coletivo humano. Um dos principais arquétipos é o “Arquétipo Central ou Self, responsável na mente pela representação da totalidade, tanto através da imagem de Deus, quanto da imagem do Universo” (BYINGTON). Para Jung, esta totalidade se dava através das mandalas. O caráter imagético dos desenhos está intrinsecamente ligado ao cinema e ao tarô, duas outras esferas nas quais a transposição de sonhos, sentimentos e arquétipos também é possível.

Figura 2 – Mandala do tarô



Fonte: JODOROWSKY (2016)

A escolha por um estudo cinematográfico aliado aos símbolos do tarô encontra grande respaldo nos estudos de Jung, o que não significa que o baralho seja dele dependente. “[...]o sujeito contemporâneo – constituído por inúmeros mal-estares, sentimentos de aflição, insegurança, depressão e ansiedade – encontra na Psicologia Analítica um respaldo capaz de dar suporte à crise atual” (FERREIRA, 2016, p. 17). Em Cavaleiro de Copas, o personagem Rick enfrenta uma jornada pautada por capítulos nomeados através de sete cartas do tarô, todas elas sendo parte do grupo dos arcanos maiores. São elas, numeradas de acordo com sua disposição no baralho e ordenadas por sua aparição no filme:

XVIII – A Lua

XII – O Enforcado

VIII – O Eremita

XX – Julgamento

XVI – A Torre

II – A Sacerdotisa

XIII – Morte

Figura 3 – Possível tiragem dos capítulos-carta



Fonte: Acervo pessoal

O cinema também não é estranho ao tarô. O roteiro de *Cleo das 5 às 7* (Agnès Varda, 1962) é estruturado através de uma leitura de cartas em sua cena inicial. A maioria dos filmes de Alejandro Jodorowsky – a citar *El Topo* (1970), *A Montanha Sagrada* (1973) e o mais recente *Poesia sem Fim* (2016) – também possui diversos elementos do tarô em sua cenografia e iconografia.

Os significados das cartas do tarô são fluidos e, tal como na leitura de imagens, permitem muitas interpretações, da mesma forma como as palavras no interior das frases, que mudam de significado conforme seu lugar na oração. “Cada símbolo não tem apenas uma explicação estanque [...]. Não se trata de encontrar sua ‘definição secreta’, trata-se de lhe dar a definição mais sublime que pudermos” (JODOROWSKY, 2016, p. 132). As cartas, além de suscitarem uma narrativa, também possuem individualmente significados e potencialidades interpretativas. “Como alegoria e símbolo, as cartas correspondem a muitos tipos de ideias e de coisas; são universais e não particulares” (WAITE, 1985, p. 29).

Importante relembrar que antes de um conceito pré-estabelecido, o tarô é imagem, traz uma sensação consigo na admiração de suas cartas, uma curiosidade. Como já afirmado, esse é o principal motivo pelo qual escrevo e me proponho tal pesquisa, além de ser um dos temas do próprio filme: um questionamento.

3. ESTUDO DE CASO: A DIVISÃO DO FILME “CAVALEIRO DE COPAS” EM SETE CAPÍTULOS-CARTA

3.1 ESTRUTURA

O estudo deste longa-metragem é concebido da seguinte forma: 1) uma introdução à carta que nomeia o capítulo fílmico, 2) seu significado tradicional individual e, então, 3) considerações e interpretações acerca do filme. Cada capítulo inicia com uma frase-chave extraída do filme, que representa tanto a carta em si como o capítulo correspondente, além de sua minutagem no longa-metragem. Então, duas imagens: a primeira sendo da carta correspondente no tarô de Waite e a outra relativa ao trunfo no tarô de Marselha. Na parte da análise, a minutagem também estará presente, fazendo referência a certas passagens e/ou diálogos. A narração em voz *over*² (ou meta-diegética) é permeada por diversos narradores e, em cada capítulo, prevalece a voz do personagem principal daquele segmento.

O estudo fílmico presente em cada capítulo se baseia em escritos do teórico estadunidense David Bordwell, que em *In critical condition* relata: “Tempos atrás, o filósofo Monroe Beardsley expôs quatro atividades que constituem a crítica em qualquer forma artística, e suas distinções ainda me parecem precisas”³ (BORDWELL, 2008, p. 01).

São elas: descrição, análise, interpretação e avaliação. Suas nomenclaturas já denotam suas funções, como explico sucintamente: a *descrição* expõe as partes fílmicas – cenas, créditos, montagem, pode sintetizar o enredo numa sinopse – e permite ao leitor um apanhado geral da obra. A *análise* propõe um estudo sobre as partes do filme e como elas se conversam: pode-se analisar um conjunto de cenas (sequência), a evolução do figurino de uma personagem ao longo de determinado filme, a trilha sonora, a atuação do elenco, entre outros tópicos. A *interpretação* “envolve fazer afirmações sobre os significados abstratos ou gerais de um filme”⁴ (BORDWELL, 2008, p. 01).

Baseando-se no apanhado geral obtido através da análise de suas partes, é possível gerar interpretações acerca do filme como um todo. Por exemplo: o longa-metragem Avatar (James Cameron, 2009) pode ser uma metáfora para a sociedade capitalista que só pensa em lucrar e, portanto, não tem escrúpulos em destruir o planeta Pandora e sua população nativa para obter o que deseja. Por fim, temos a *avaliação*, que em seus princípios básicos pode denotar a

² Narração sem a presença do personagem em cena, mas como uma voz onisciente que transcende a tela e representa, em grande parte deste longa-metragem, monólogos interiores.

³ Long ago, the philosopher Monroe Beardsley laid out four activities that constitute criticism in any art form.

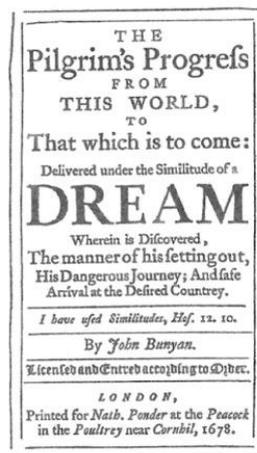
⁴ This activity involves making claims about the abstract or general meanings of a film.

apreciação final pela obra, o famoso “gostei” ou “este é um bom filme”. Nesta monografia, essas etapas não estarão necessariamente nesta ordem e a etapa avaliativa não será explorada.

3.2 CAVALEIRO DE COPAS: UMA JORNADA

Antes dos capítulos-carta iniciarem, temos onze minutos de projeção aonde somos introduzidos ao protagonista e seu mundo. A primeira narração em voz *over* (proferida por Joseph, pai de Rick) já define que uma jornada está sendo percorrida: a referência vem da obra *O peregrino*, de John Bunyan, publicada em 1678 e tendo em sua primeira capa (Figura 4) o trecho proferido no início do filme: “O progresso do peregrino deste mundo àquele que ainda virá: entregue sob a semelhança de um sonho, em que é descoberta a maneira em que se estabelece sua perigosa jornada e a chegada segura no país desejado” (tradução na legenda do filme).

Figura 4 – Frontispício da primeira edição de *O peregrino*



Fonte: ebah⁵.

Rick encontra-se então num deserto. O primeiro plano do filme possui notável semelhança com a carta do Cavaleiro de Copas do tarô de Waite (Figura 5). Temos então uma quebra visual, com trechos de filmagem caseira, onde se veem crianças brincando num jardim e no mar, provavelmente Rick sendo uma delas.

⁵ Disponível em: <www.ebah.com.br/content/ABAAAhTJKAD/peregrino-john-bunyan?part=5>. Acesso em: 20 out. 2018.

Figura 5 – Plano inicial do filme e o Cavaleiro de Copas de Rider-Waite



Fontes: CAVALEIRO (2015); Clube do Tarô.

Sendo roteirista cinematográfico, Rick escreve histórias que serão transformadas em narrativas audiovisuais, mas esquece da sua própria, de si mesmo. Perdeu-se no meio do deserto de sua alma. Ele vai a uma festa e amanhece nela, perdido e esquecido da pérola. No trabalho, caminha por entre *sets* de filmagem e colegas, alheio à sua realidade. Noutra dia, acorda com seu apartamento a tremer, objetos caem da prateleira: um terremoto acorda o príncipe de seu sono. Este evento terreno e concreto impele o protagonista a refletir e iniciar sua jornada na procura por significação para sua existência. “Decerto, temos que a busca espiritual é também a busca da nossa transformação em pessoas melhores” (MARINHO, 2012, sem página). Por um viés metafórico, portanto, a figura do cavaleiro pode significar uma força interna presente em todos nós que busca um auto aperfeiçoamento, a tentativa em ser alguém melhor, o que pode ser aliado ao objetivo do tarô recorrido anteriormente: o autoconhecimento.

Rick representa, assim, o cavaleiro de copas (ou taças). Segundo Naiff (2006), este naipe tem estreita relação com o coração e as emoções. A figura do cavaleiro tem amparo histórico (a Ordem dos Templários nas Cruzadas) e também está presente em lendas, como a Távola Redonda do rei Artur e a busca do Santo Graal, o cálice utilizado por Jesus na última ceia e usado como recipiente para guardar seu sangue. Portanto, a taça pode significar uma fonte de amor e imaginação, a força criadora que guia o cavaleiro.

O elemento que rege o naipe de copas é a água, recorrente durante o filme. Sua fluidez e não-linearidade se conectam a outros elementos fílmicos. “Fragmentos, pedaços de um homem” (00:11:08), diz o pai de Rick. É isso o que vemos em toda a duração de Cavaleiro de Copas: na montagem, som, narrativa e, certamente, na vida do protagonista. “Não é [o universo do tarô] um mundo sequencial, linear, de causa e efeito, um mundo de passado, presente e

futuro” (CAMARGO, 1992, p. 15).

Na carta (ANEXO D), vemos um bonito jovem de armadura que leva a taça vazia à sua frente, trotando para o lado direito em seu cavalo manso. O deserto sugere que sua viagem é solitária, mas talvez há esperança de encontrar algum rio ou civilização por perto. A ideia de movimentação inerente à carta também se reflete nas atitudes do cavaleiro, sempre dinâmicas e envolvendo a ação impetuosa.

Representando os sentimentos e a receptividade, não é à toa que, em inglês, o naipe de copas é denominado *Hearts* (corações, em tradução literal). No âmbito de relacionamentos amorosos, Rick pode ser considerado superficial, irresponsável e seu dinamismo também se atribui a esta esfera de sua vida. Seu carro conversível pode ser considerado uma versão moderna do cavalo visto na carta: a maioria das mulheres com as quais ele se relaciona passeiam em seu automóvel e muitos de seus monólogos e trajetos se dão através do carro. A velocidade com que Rick dirige e (novamente) sua movimentação denotam liberdade e juventude. O Carro é também um arcano maior do tarô, com numeração VII. Segundo Pollack (1991), o cavaleiro de copas, “romanticamente, pode representar um amante que não deseja comprometer-se, que talvez seja atraente mas passivo, introspectivo, ou narcisista”. Ele é cortês com as mulheres, assim como um cavaleiro medieval preza por sua dama, porém nada mais há após a sedução e o desejo consumado pelo sexo. Em sua revisão sobre o filme, o canal do *Youtube* intitulado *Like Stories of Old* sintetiza esta questão (tradução minha do áudio original em inglês):

A espera por significado de Rick é provavelmente mais evidente em suas relações com as mulheres. Ele parece depositar nelas seu peso existencial, fazendo delas sua fonte para uma solução existencial ao ponto de fetichizá-las, o que certamente condena seus relacionamentos, já que tais mulheres são realidade finita, ou melhor dizendo, apenas seres humanos e que nunca podem estar à altura do que Rick quer que elas sejam.

Figura 6 – Rick e as mulheres em seu conversível



Fonte: CAVALEIRO (2015)

Uma das melhores frases usadas para caracterizar Rick é dita pela personagem Elizabeth no capítulo-carta Morte. Em 01:25:14, ela diz: “Você é tão quieto, mantém tudo para si”. De acordo com Sophia Dembling (2012, tradução minha):

Um dos riscos de ser quieto é que as outras pessoas sempre preenchem seu silêncio com a própria interpretação. Você está entediado. Você está depressivo. Você é tímido. Você está preso. Você está julgando. Quando os outros não conseguem nos ler, eles escrevem a própria história – nem sempre a que escolhemos ou a correta em relação a quem somos.

Outro risco – desta vez em minha escrita – é a comparação das interpretações mais tradicionais do cavaleiro de copas (encontradas nos manuais, artigos e livros sobre tarô) com o protagonista do filme, que nem sempre são exatas. Não vejo problema na adequação de algumas leituras e até na criação de novas, sendo o tarô adaptável e em constante estado de atualização.

Em alguns pôsteres do filme, vemos referências ao tarô (Figura 7). À esquerda, vemos uma ilustração do cavaleiro (referente ao baralho Waite) com um fundo de palmeiras (evidenciando o cenário de Los Angeles) e levando uma taça na qual toma alguma bebida tropical. À direita, o cartaz principal na divulgação do longa-metragem, muito semelhante a uma carta de tarô (com as bordas marcadas em preto e dizeres acima e embaixo), mostrando Rick invertido: uma carta invertida pode ser tirada durante uma consulta tarológica e significa os aspectos negativos daquele trunfo. A tipografia contém letras menos brilhantes sobrepostas e invertidas, semelhantes à tipografia do tarô de Pamela e Arthur Waite. Neste segundo cartaz também vemos as palmeiras.

Figura 7 – Dois pôsteres do filme



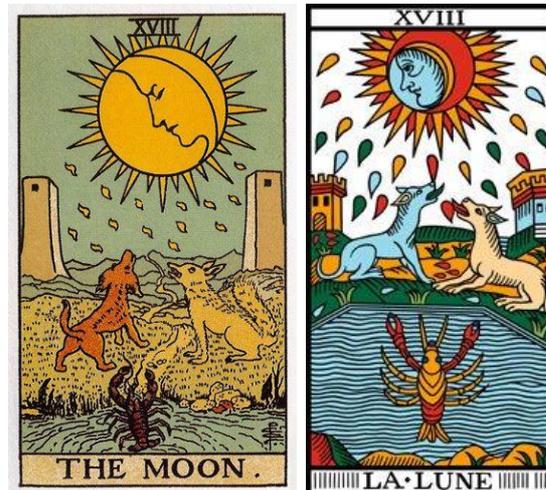
Fonte: IMDb⁶.

⁶ Disponível em: <www.imdb.com/title/tt2101383/mediaindex?refine=poster&ref_=ttmi_ref_pos>. Acesso em: 20 out. 2018.

3.3 XVIII – A LUA

“Você não quer amor. Você quer uma experiência amorosa” (00:16:50).

Figura 8 – A Lua



Fonte: Clube do Tarô

A décima oitava carta dos arcanos maiores é A Lua. Símbolo do feminino, representa o inconsciente em leituras e interpretações tradicionais, além da receptividade e a intuição. Figura feminina que nos convida a percorrer as angústias e medos recalcados. Ela aparece após A Estrela e é seguida pelo Sol. Nos desenhos, vemos três animais: uma lagosta e dois cachorros (ou um cachorro e um lobo). Existem também duas torres no horizonte e um pequeno lago de onde sai o crustáceo. Podemos também perceber a Lua encobrindo o Sol. Existem gotas coloridas (na versão de Marselha) que, ao invés de caírem do céu, estão indo em sentido oposto: a Lua suga as energias e a cor azul é tomada pela representação da receptividade. Pelo seu tamanho reduzido, pode-se deduzir que se trata de uma lua minguante ou crescente.

O ponto de vista estabelecido pelas cartas de tarô geralmente é frontal, podendo o leitor admitir o que vê como um caminho a ser percorrido, com a posição das figuras, paisagens e construções ao horizonte. A Lua é um ótimo exemplo disso: na versão de Waite, existe literalmente uma trilha que leva às montanhas ao fundo. Inclusive, se dividirmos qualquer uma das versões acima longitudinalmente, obtêm-se quase uma total simetria: uma torre, um animal e metade do lago e do crustáceo para cada lado, revelando a característica dúbia da Lua.

Rick encontra a personagem Della em uma espécie de salão estético. Os dois

caminham, conversam, passeiam pela cidade, transam em quartos de hotel. Este capítulo dá início à jornada de inconstância emocional de Rick, como uma viagem ao inconsciente e seus devaneios. A personagem Della suga a energia do protagonista, mesmo não sendo essa sua intenção. “Não volte a ficar morto” (00:17:51) ela diz, temendo que Rick retorne a seu estado inanimado após sua partida.

Della também representa, para Rick, uma personificação do desejo sexual que pode leva-lo a lugares sombrios que ele próprio desconhece. “Desejo tão profundo, eu vou jogar a minha vida fora” (00:17:42), ele diz em certa passagem. Della leva-o a esse lugar tão obscuro do qual ele mesmo precisa sair, à sua própria destruição fantasiosa. No mito de Tristão e Isolda, quando estes fogem do rei Mark da Cornualha (tio de Tristão e futuro marido de Isolda), o casal se esconde e vive por três anos na Floresta de Morois, comendo insetos e raízes e vestindo farrapos. “[...] o três é símbolo da falta de inteireza – o estágio de consciência no qual sabemos que somos incompletos, que não nos conhecemos e, assim, que somos incapazes de solver o enigma da vida” (JOHNSON, 1997, p. 149). A própria floresta pode ser considerada o estado mental no qual encontra-se Rick, um local escuro e desconhecido e já utilizada muitas vezes como analogia ao inconsciente. Segundo Banzhaf (1997), “[...] a verdadeira natureza do inconsciente é ser bipolar e ambivalente” (p. 168).

No mito citado acima, a chamada poção do amor ingerida pelo casal cegou os amantes, mas tal sentimento não trata-se de amor. “Na verdade, eles [Tristão e Isolda] não se amam, usam-se mutuamente para viverem as experiências ardentes e passionais que desejam ter” (JOHNSON, 1997, p. 194). É exatamente isso o que acontece entre Della e Rick, uma configuração que se repete em todos os relacionamentos nos quais se envolve o protagonista.

A Lua possui fases e controla as marés, guiando Rick através de seus desejos e seu eu não-consciente. Sua volatilidade e inconstância também confundem o protagonista. Eles visitam um aquário, aonde Rick fica fascinado e observa os animais marítimos por um longo tempo. A já citada lagosta que sai da água na carta, por exemplo, além de ser um animal marítimo, também representa o signo astrológico de Câncer, que tem como astro regente a própria Lua. Em “Lua adversa”, a poetisa Cecilia Meireles transcreve a ambivalência e transitoriedade do satélite:

Não me encontro com ninguém
 (tenho fases como a lua...)
 No dia de alguém ser meu
 não é dia de eu ser sua...
 E, quando chega esse dia,
 o outro desapareceu...

E definitivamente Della desaparece após o fim de seu capítulo, não aparecendo novamente durante o resto da projeção. A frase escolhida para iniciar este capítulo refere-se ao desejo implícito à Lua e por sua inconstância: Della não pode oferecer amor, nem algum sentimento eterno, algo que talvez Rick inconscientemente deseja. O que ele realmente busca é a si mesmo, não o amor de outra pessoa. O impacto e identificação com tal frase foram significativas para mim: como parte de uma geração que cresceu com a popularização e idolatria audiovisual a amores românticos e passionais em diversas plataformas, a questão amorosa perpassa minha vida, mas seu real significado ainda é desconhecido para mim. “O que você quer?” (00:18:04), Della pergunta para Rick em determinado trecho. Tomei a pergunta para mim mesmo. O que eu quero? Amor ou uma experiência amorosa? Porque essas são duas coisas completamente diferentes. Em sua interpretação acerca da carta do cavaleiro de copas, o canal do *Youtube* intitulado *Contemporary Tarot* diz que este personagem “é alguém que ama a ideia do amor⁷”. O idealismo sobre a essência do amor e suas verdadeiras facetas diferem de maneiras diversas.

Nos minutos finais do capítulo, Rick entra em uma loja esotérica, aonde encontra uma cartomante e decide torna-se consulente em uma leitura de tarô. A curiosidade em obter pelo menos um mínimo de organização dentro da espiral existencial na qual se encontra talvez seja consumada através dessa tiragem das cartas. A partir deste viés esotérico, ele porventura possa estruturar sua vida e, conseqüentemente, os capítulos do filme. Logo vemos algumas cartas sobre a mesa: algumas delas nomeiam os capítulos seguintes (como A Torre e O Enforcado) e outras não (O Imperador, O Louco, A Roda da Fortuna). A cartomante aponta, inclusive, para o trunfo que nomeia o filme (Figura 9).

⁷ This is someone who loves the idea of love.

Figura 9 – Cartomante aponta a carta que nomeia o filme



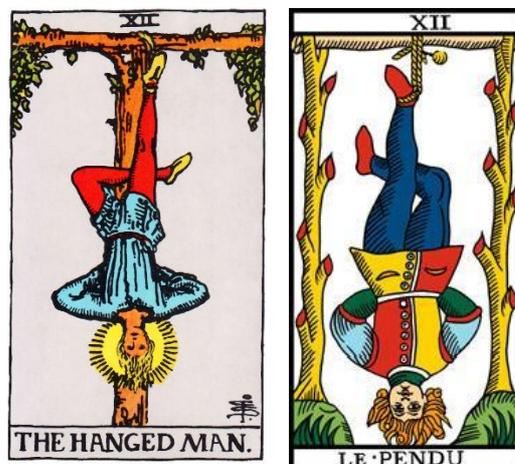
Fonte: CAVALEIRO (2015)

“Por onde eu começo? Onde eu vou te encontrar? Pra que lado eu vou? Onde eu errei?” Rick se questiona o tempo todo. Como sair do “mundo da Lua”, como denota a expressão popular? O escritor John Bonner, no documentário Decifrando o Passado - O Segredo das Cartas de Baralho (History Channel, 00:41:43) afirma que “o tarô ajuda as pessoas a se sentirem mais em controle de suas vidas. É informação. Informação sobre nós mesmos, o que é sempre fascinante”.

3.4 XII – O ENFORCADO

“Te virei de cabeça para baixo, meu filho” (00:30:01).

Figura 10 – O Enforcado



Fonte: Clube do Tarô

A frase que inicia este capítulo na verdade finaliza o capítulo fílmico correspondente, fazendo uma referência literal à carta – na qual um homem está pendurado de cabeça para baixo – e refletindo os conflitos que a figura paterna (que profere a frase) causou na vida do protagonista. A carta d’A Força o precede e O Arcano sem Nome/A Morte o segue na sequência dos arcanos maiores.

Duas palavras-chave para o Enforcado são crise e passividade. Na carta, o indivíduo se encontra preso pelos pés, mas não parece preocupado em livrar-se da situação. “Na Idade Média esse [enforcamento] era o castigo dado aos traidores. Traição à própria causa, da traição a nós mesmos. Armadilha em que caímos quando estamos no caminho errado” (BANZHAF, 1997, p. 98).

Em alguns baralhos italianos, essa carta se chama *Il Traditore* (O Traidor). Nos tempos medievais, os cavaleiros covardes ou desleais eram assim pendurados pelos calcanhares e açoitados, sofrendo um castigo humilhante. [...] Em todos esses casos o enforcamento propriamente dito não é um instrumento de morte física. É antes um [...] ato de censura e de ridículo público, uma horrível inversão de tudo o que o personagem em apreço representava anteriormente (NICHOLS, 1988, p. 218).

A posição de seus braços (triângulo) e pés (quadrilátero) podem significar uma inversão do mundo material com o espiritual. Na numerologia, o quatro (4) é associado ao terreno e o três (3) ao divino, dentre outras interpretações. “Como quatro vezes três, o número doze liga a trindade do espírito à realidade quádrupla da Terra” (NICHOLS, 1988, p. 222).

Neste segundo capítulo, Rick encontra seu irmão Barry e seu pai Joseph. É possível notar que os dois não pertencem à sua vida cotidiana devido a seu silêncio durante o desenrolar do capítulo, demonstrando impaciência e desconforto na presença da família. “[a carta] representa naturalmente todas as crises que nos atingem, que se transformam em verdadeiras provas de paciência, e que visam obrigar-nos a uma tomada de posição ou a uma mudança de direção” (BANZHAF, 1997, p. 100). Descobre-se que ele teve um irmão mais novo chamado Billy, que aparentemente cometeu suicídio. “Billy, eu morri, mas de um jeito diferente” (00:28:50), comenta o protagonista em determinado momento.

Rick está invertido, com os pés amarrados no mundo material e alheio às suas questões interiores/espirituais, apresentando-se passivo diante do mundo que o rodeia. Ele, o pai e o irmão estão em crise desde a morte de Billy ou até anteriormente a isso. O pai é decrépito, seu irmão parece paranoico e teve problemas com drogas e o próprio Rick aparentemente tem tudo, mas encontra-se vazio e sem direção em sua crise existencial.

[...] nos aguarda a grande crise do sentido. Tudo ia indo tão bem. Havíamos desenvolvido um eu sadio e alcançado todos os objetivos dignos de nota: automóvel, moradia, sucesso, uma boa conta bancária [...]. Gozamos de boa fama, nos sentimos importantes e nos saímos realmente “bem”. Era o que nós pensávamos! [...]. Subitamente, percebemos como o gosto de tudo é insosso. Tentamos nos anestésiasr ou conseguir o mesmo desejo em doses cada vez maiores. Mas a certeza de que nada ajuda é cada vez mais forte. Agora, que temos praticamente tudo, nos vemos subitamente vazios e vemos, com desespero, que só nos espera a morte (BANZHAF, 1997, p. 101).

Na sequência em filmagem caseira no início do filme, há um menino – possivelmente Rick – pendurado de cabeça para baixo em um balanço. Na leitura de cartas feitas por Rick no capítulo anterior, a carta do Enforcado também aparece (Figura 11).

Figura 11 – Criança no balanço e carta do Enforcado



Fonte: CAVALEIRO (2015)

Rick anda com o irmão por ruas aonde pessoas dormem na calçada e jogadores idosos em bancos se divertem. Nessas ruas ficava seu irmão quando estava drogado. Uma outra crise pode ser vista aqui, aquela social e econômica que impede uma vida com os cuidados básicos para todos. O protagonista relata um sonho enquanto caminha por esses moradores de rua e imigrantes, reiterando a presença da água em seus pensamentos. A falta desse elemento neste capítulo pode significar sua prisão ao mundo terreno e material. “Eu sonhei que fomos

apanhados em uma enorme onda que tomou conta da cidade. Qualquer momento parecia que poderíamos ser varridos para debaixo. Tinha uma porta que eu estava com medo de atravessar. Eu apertei um botão”, relata Rick (00:24:12).

Segundo Banzaf (1997), não é possível responder a novas perguntas com as velhas respostas nem viver a tarde como viveu-se a manhã. A constante mudança impele O Enforcado a movimentar-se na busca de seu objetivo. É necessário inverter o pensamento e cultivar a paciência, descobrindo “que a jornada para a autocompreensão não se processa de modo ordenado indo de A para B e depois para C. O seu ritmo é quixotesco⁸” (NICHOLS, 1988, p. 222). “O perigo que ameaça o Cavaleiro é permanecer na crise, é não se deixar levar pela impermanência universal. Ele pode, então, representar um estado de bloqueio em que as potencialidades da energia nova continuam irrealizadas” (JODOROWSKY, 2016, p. 363).

No álbum musical *Built on Glass*, do cantor australiano Chet Faker, existe uma música intitulada *Lesson in Patience* (Lição em paciência, tradução minha). Com quase seis minutos de duração, a faixa não possui letra e faz jus a seu título, instigando quem escuta a termina-la e não pular sua reprodução. A própria duração de Cavaleiro de Copas (1h50min) pode desanimar qualquer um, ainda mais sabendo do teor do filme e seu rumo narrativo. Como já evidenciado, o exercício da paciência é primordial para Rick neste momento.

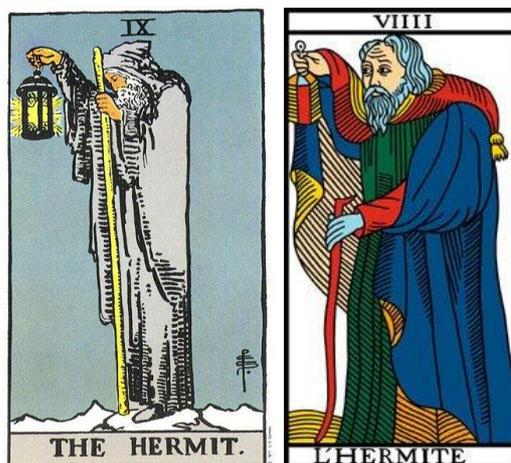
[...] a confrontação do caos monstruoso do inconsciente demanda paciência, aceitação e muita coragem. [...]. Por intermédio da aceitação da crucificação, o homem coopera com o destino – e, em certo sentido, o escolhe. E, quando escolhe o destino, liberta-se dele porque, nesse momento, o transcende (NICHOLS, 1988, p. 225).

⁸ Relativo ao personagem Dom Quixote. Por extensão, adjetivo que denota algo/alguém sonhador e/ou impulsivo, desligado da realidade.

3.5 VIII – O EREMITA

“Ninguém está em casa” (00:36:09).

Figura 12 – O Eremita



Fonte: Clube do Tarô

O Eremita é a nona carta dos arcanos maiores, precedida pela Justiça e seguida pela Roda da Fortuna. Entre suas palavras-chave, encontram-se isolamento e solidão. Segundo o dicionário Priberam, eremita é definido como uma “pessoa que vive no ermo, com intuits contemplativos ou religiosos”. Na ilustração, vemos um senhor de capa, carregando um cajado e um lampião. A lamparina empunhada por ele pode representar a luz do autoconhecimento que o guia através da vida. A posição da carta – de numeração nove (9) – também tem seu significado, sendo o último número entre os dígitos simples e representando – entre várias leituras – o período de gestação humana (nove meses).

A grande crise de sentido enfrentada por Rick no capítulo anterior continua. Ele perambula sozinho por uma festa, quieto. Os convidados dançam, conversam banalidades, ostentam sua riqueza e corpos esbeltos. O dono do local – Tonio – anda entre as pessoas e conversa com todas. Sua casa parece se localizar no deserto, onde não se vê nenhuma outra construção por perto. Em certo momento, junto ao isolamento da casa, vemos um céu crepuscular e a lua (00:38:51).

Figura 13 – A suntuosa festa organizada por Tonio



Fonte: CAVALEIRO (2015)

Segundo a jornada do herói⁹, o arquétipo desta carta seria equivalente ao Velho Sábio, personagem encontrado pelo Herói quando este necessita de ajuda/conselhos. Na produção cultural mundial, já vimos este personagem encarnado em Virgílio, Merlin, Moisés, Alvo Dumbledore, etc. Entretanto, nem sempre pode-se transfigurar um arquétipo em um personagem. Como reitera Nichols (1988), “[...] o personagem arquetípico é sobre-humano. Nunca poderemos ser uma figura arquetípica”. Banzhaf complementa tal pensamento afirmando que:

[...] mesmo quando temos a impressão de que esse conhecimento nos foi transmitido por outras pessoas, trata-se ainda de uma força arquetípica que atua em nós e que, na melhor das hipóteses, se serve de uma outra pessoa para manifestar-se. Portanto, seria inútil procurar um velho sábio para fazer a experiência que o Eremita nos oferece (BANZHAF, 1997, p. 69).

Portanto, não seria correto associar os personagens diretamente com a figura arquetípica representada nas cartas. Entretanto, é o que Malick parece fazer com alguns deles (como A Lua e A Sacerdotisa, por exemplo), mas tais interpretações e associações – empregadas tanto por mim como pelo diretor – são maneiras de entender tais figuras e compreender de um modo mais geral seus principais significados.

No episódio nº 03 (*Neighbors From Hell*) do seriado estadunidense *American Horror Story: Cult*, o personagem Kai conversa com Meadow, uma das seguidoras de sua seita. Ela diz

⁹ Os estudiosos Vladimir Propp (Rússia, 1895 – 1970) e Joseph Campbell (Estados Unidos, 1904 – 1987) estudaram a estrutura de diversos contos de fadas e mitos e encontraram particularidades entre eles, relativas a personagens e à trajetória percorrida pelo herói dessas histórias. Os obstáculos e pessoas que o protagonista encontra (não necessariamente um homem, mas a linguagem patriarcal infelizmente ainda é predominante em suas definições) podem ser considerados arquétipos – ou seja, modelos pré-estabelecidos e presentes no inconsciente coletivo.

“Sinto muito, eu me escondo por trás do meu humor”, ao que ele responde “Pare de se anestesiarmos” (00:26:12). Tal passagem ilustra a situação de Rick, mas em seu caso não é através do humor em que ele se esconde. Tanto luxo, músicas, drogas, bebida, conversas e os cômodos gigantescos da mansão desviam, anestesiaram Rick, ao mesmo tempo que o absorvem. A opulência de tudo ali vai ao contrário da própria figura do Eremita, um homem simples que veste roupas simples. “Levante-se. Encontre” (00:36:59), ouvimos a voz *over* de Rick: ele sabe que precisa encontrar a pérola, porém continua entretido e alheio com aquele espaço, sabendo que toda aquela riqueza não pode comprar seu objetivo maior.

Mesmo cheia de convidados, “ninguém está em casa”. E na mansão interior de Rick, nenhuma pessoa está presente. O isolamento caracteriza esta carta e também acompanha o protagonista em todo o seu percurso, aonde desfruta de diversos momentos sozinho: na praia, na piscina, em sua casa, nos *sets* de filmagem, nas ruas. O local da festa torna-se nocivo pelo comportamento generalizado de diversão, já que em nenhum momento vemos alguma pessoa infeliz ou triste, apenas ele. “Embora cada ser humano nasça como um original, cada vez mais pessoas morrem como uma cópia. Nosso talento inato para imitar outras pessoas é encarado por Jung como a mais útil das faculdades para o coletivo no qual vivemos, mas a mais nociva para a individuação” (BANZHAF, 1997, p. 70).

Vazio, Rick ainda procura por significado. Em certo momento durante a festa, ele tem uma pílula na mão e fica na dúvida sobre tomá-la ou não. Torna-se incerto saber quando sua diversão é genuína e quando é fingida. Um dos únicos momentos genuínos de entretenimento é notado quando conhece e conversa brevemente com Helen, uma mulher que parece estar tão perdida quanto ele e afirma não conhecer ninguém ali. A conversa logo se dissolve em outras distrações e os dois se separam.

Sua solidão também pode ser interpretada por outro viés. “[...] aquele que atingiu um grau qualquer de auto compreensão é um “solitário” em relação ao curso geral da espécie humana, e está destinado a permanecer assim até que outros – cada qual a seu tempo e à sua maneira – atinjam uma fase semelhante de iluminação (NICHOLS, 1988, p. 176).

Nos segundos finais, Rick está sozinho à noite e submerso na mesma piscina que, algumas horas atrás, pessoas e cachorros mergulhavam e se divertiam. Ele está, literal e simbolicamente, imerso em seus pensamentos (Figura 14).

Figura 14 – Rick imerso ao final do capítulo

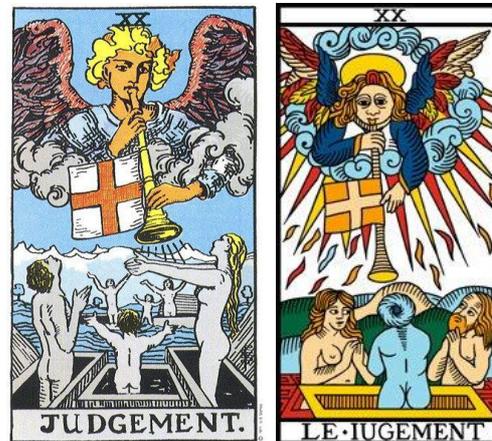


Fonte: CAVALEIRO (2015)

3.6 XX – JULGAMENTO

“Você mudou. O mundo te absorveu, mais e mais” (00:39:33).

Figura 15 – Julgamento



Fonte: Clube do Tarô

A viséxima segunda carta dos arcanos maiores é a penúltima da série, sendo precedida pela carta do Sol e seguida pela carta derradeira, O Mundo. O trunfo retrata um anjo tocando uma trombeta no céu; na terra, seres humanos parecem absorvidos com o mensageiro divino. Particularmente, este é meu capítulo predileto no filme.

À primeira vista, a carta evoca a ideia de ressurreição, já que o corpo azul jovem central (no tarô de Marselha) e todos os indivíduos (na versão de Waite) que saem de seus túmulos

parecem estar “voltando à vida”. Esta pode ser uma metáfora para o renascimento espiritual: a ideia de anunciação aliada ao anjo com trombeta chama o sujeito a uma nova vida. Dentre outras interpretações, a presença de três figuras humanas principais nas duas versões pode sugerir ligação com as relações familiares.

Neste capítulo temos contato com Nancy, ex-exposa de Rick. Os dois conversam basicamente sobre as frustrações e medos vividos enquanto estavam juntos. Aqui, o sentido literal da palavra julgamento pode ser visto em algumas frases proferidas por Nancy, como “Você sempre quis fugir. Eu queria um companheiro” (00:40:03) e “Eu não quero te acusar, mas você se tornou aborrecido perto de mim. Quase cruel” (00:41:16).

Tendo sido um casal, a ideia de ter filhos e constituir uma família esteve presente na vida conjugal dos dois. “Você está arrependido porque não tivemos bebês?” (00:42:34), pergunta Nancy. Alguns minutos depois, ela afirma: “Você nunca pareceu querer ficar totalmente dentro do nosso casamento. Nem fora também” (00:44:38). Como já constatado, Rick tem dificuldade em se estabelecer num relacionamento: ele parece preso entre sua fluidez sentimental, suas reais necessidades emocionais e o que as pessoas a seu redor esperam dele. Portanto, nota-se aqui o quão influenciável Rick é.

Os dois passeiam pelo mar, se abraçam, se beijam. Uma menina brinca no chafariz de um hotel à beira-mar. Outros planos submersos – filmados com uma câmera portátil operada pelos atores – reiteram a presença da água, além de quadros com a presença simultânea de montanhas, o Sol, estradas, árvores e nuvens. Elementos e paisagens naturais são comuns durante o longa-metragem e também na filmografia de Terrence Malick. A reaproximação espiritual de Rick também se dá através do contato com a natureza: ao longo do filme, ele se encontra em vários locais naturais, o principal deles sendo o deserto. Os diversos planos de montanhas com o Sol iluminando seus picos podem evidenciar a luz interior que ele procura e necessita.

Por ser a penúltima carta dos arcanos maiores, a frase que inicia o capítulo evidencia na voz de Nancy a jornada de Rick. Muito aconteceu desde que os dois se separaram e ele está renascendo, mas ainda não completamente pronto nem maduro. Mesmo sabendo que cometeu erros e foi irresponsável/inseguro durante seu relacionamento com Nancy quando jovem, Rick ainda segue confuso em sua peregrinação. “O mundo te absorveu” é uma afirmação muito forte em uma conversa, soando como um eufemismo para “você se deixou levar por circunstâncias que fugiam de seu controle e, por isso, perdeu o rumo e deixou as situações lhe sugarem”.

Em seu carro conversível, Rick leva Nancy a um terreno baldio ao lado do aeroporto. Eles observam os aviões decolando e aterrissando. O capítulo termina com a voz de Nancy, que evidencia seus pensamentos: “Você ainda é o amor da minha vida. Eu deveria te dizer isso?” (00:48:14).

Figura 16 – Rick e Nancy ao final do capítulo

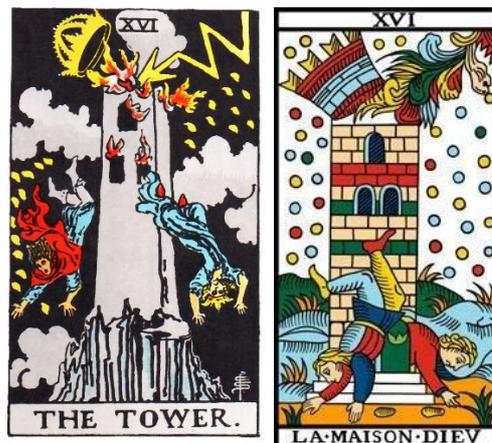


Fonte: CAVALEIRO (2015)

3.7 XVI – A TORRE

“Sonhos são bons, mas você não pode viver neles” (00:58:37).

Figura 17 – A Torre



Fonte: Clube do Tarô

A décima sexta carta dos arcanos maiores já recebeu a tradução de “A Casa de Deus”, devido a seu nome em francês (*La Maison Dieu*). Resolveu-se, entretanto, nomeá-la A Torre.

Precedida pela carta do Diabo e seguida pela Estrela, este trunfo pode representar “abertura, emergência daquilo que estava confinado” (JODOROWSKY, 2016, p. 239). Na ilustração, vê-se duas pessoas “caindo” de uma torre que parece estar desabando devido a uma intervenção cósmica – um raio na versão de Waite e bolinhas e “fogo” colorido no tarô de Marselha.

Os minutos iniciais deste capítulo (o segundo mais longo do filme, atrás da Morte) abordam principalmente o lado material da vida de Rick: sua riqueza e seu emprego. Ele conversa com um empresário muito rico no salão de entrada de um prédio suntuoso e comercial, que o promete uma vida de opulência. “Quero te deixar rico”, comenta o homem (00:50:16). O materialismo pode caracterizar outro dos desvios da luz enfrentados por Rick: torres cercam-o no início do capítulo, novamente impedindo que a luz do Sol (seu objetivo) brilhe, o que já ocorreu anteriormente na carta d’A Lua. Inclusive, a carta do Sol aparece submersa em um plano extremamente simbólico (Figura 18), denotando o quão imerso Rick se encontra em sua crise existencial e emocional. Reiterando essa ideia, seu pai o lembra sobre a pérola: “Lembre-se. A pérola. Encontre seu caminho da escuridão para a luz” (01:03:25).

Planos de degraus e escadas também aparecem. Comumente, uma torre possui tais acessos para alcançar seu topo. A versão de Waite, entretanto, parece uma fortaleza impenetrável que aumenta sua grandeza por estar situada em um aclave, perto das nuvens, porém nem sua altura ou austeridade impedem seu colapso pelo raio.

Figura 18 – A carta do Sol submersa

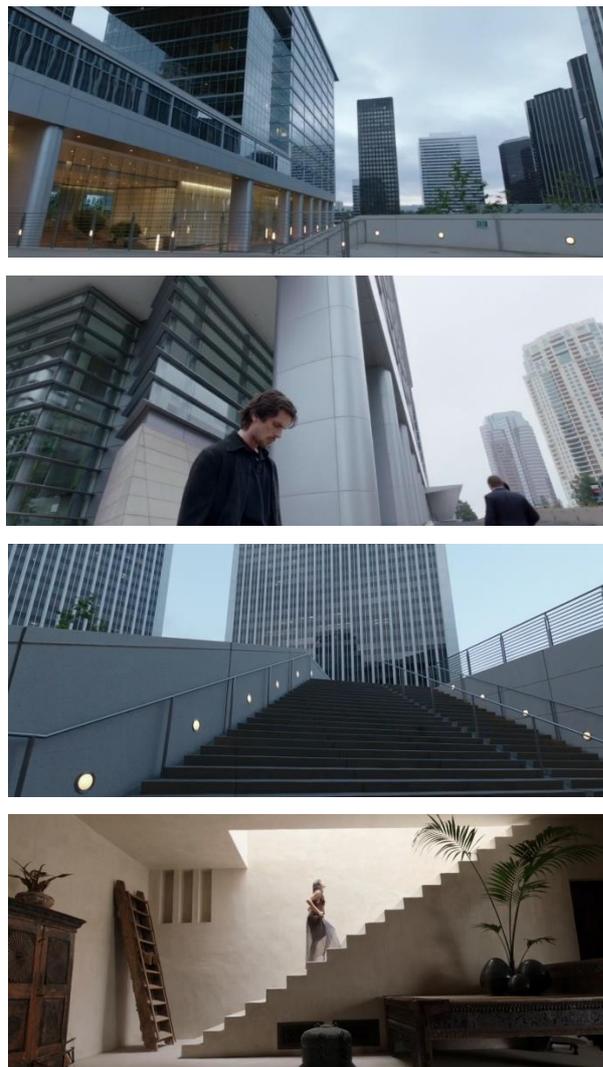


Fonte: CAVALEIRO (2015)

“Você quer subir os seus degraus ou os deles?” (00:50:24), pergunta o empresário. Rick pretende continuar vivendo uma vida aparentemente satisfatória e seguir pelo caminho mais confortável ou manter-se na conturbada trilha atual? “E costumamos nos apegar ao conhecido,

mesmo que seja um mal” (BANZHAF, 1997, p. 149). “Para onde mais você iria? Será a mesma coisa lá” (00:51:01), continua o homem. Rick já alcançou um dos principais objetivos da vida adulta (estabilidade financeira), mas a liberdade que o impele na escolha do próximo passo também o prende, paradoxalmente. Adiante, Rick tem seu apartamento invadido por três homens e alguns de seus pertences são levados, outro sinal de que a riqueza material é instável e perigosa.

Figura 19 – Torres e degraus



Fonte: CAVALEIRO (2015)

Rick estreita relações com Helen, a mulher que conheceu na festa d’O Eremita. Ele observa um ensaio fotográfico no qual ela participa até o anoitecer, enquanto narra outro sonho. “Eu tive um sonho. Conheci uma mulher de outro mundo. Eu fui levado para fora da Terra. Eu tremi de medo. Maravilha. Quem é você?” (00:54:28). Helen pode ser considerada uma

peregrina na mesma jornada de Rick, seu complementar feminino. Em um santuário, ela medita e podemos notar seu respeito à algo superior e também ao seu próprio corpo. “Todas as ‘casas de Deus’ (templos, igrejas, mosteiros) oferecem tradicionalmente um refúgio seguro para os doentes do corpo ou da alma” (NICHOLS, 1988, p. 280). Diferente das mulheres anteriores, não vemos os dois tendo relações sexuais: Helen parece um aviso, uma mensageira para Rick continuar em seu processo de despertar. Quando ele a deixa na porta de casa, ela não convida-o para entrar. Seguindo este raciocínio, a Torre pode representar a nós mesmos, nossa estrutura como ser humano. “[...] esta torre é o nosso corpo, e que nosso corpo contém a divindade” (JODOROWSKY, 2016, p. 240). De certa maneira, todos os personagens estão, de alguma maneira, em sua própria jornada ao mesmo tempo que auxiliam Rick em sua caminhada. “Cada homem, cada mulher, um guia”, narra Joseph (01:02:19). O próprio texto que inicia a Introdução desta monografia evidencia isso.

O protagonista encontra outro membro de sua família neste capítulo: Ruth, sua mãe. “Você me disse que às vezes se sentia como um espião. Sempre teve que fingir. Você tinha medo” (01:04:13), ela diz, proferindo assim uma das mais bonitas frases em todo o filme. Tal afirmação corrobora a própria percepção de Rick sobre si mesmo, acreditando ter desperdiçado e arruinado sua vida, tanto para si como para aqueles a seu redor. Ruth parece estar divorciada de Joseph; quando ela e seus filhos estão almoçando num restaurante, Rick nota um homem assistindo a um vídeo de ultrassom em seu computador (01:04:48). Alguns segundos depois, sua mãe profere: “Espero que você tenha filhos. Você sempre se pergunta se eles estão com muito frio, ou se estão aconchegantes o bastante” (01:05:08). Tal frase ecoa a pergunta feita por Nancy anteriormente no Julgamento, se Rick estaria arrependido por não ter tido filhos. Talvez este seja o motivo por sua curiosidade em observar o vídeo.

Citando Jung, Banzaf (1997) diz que quando as ideias e falsas imagens que tínhamos da realidade caem, experimenta-se “um pequeno fim do mundo em que tudo volta ao caos original”. A frase que inicia o capítulo faz referência justamente a isso, já que Rick não pode viver em suas fantasias e precisa da destruição da Torre para “acordar”. Ela é proferida por Helen em forma de questionamento ao protagonista: “O que você quer de mim? Que lance um feitiço sobre você? Que realize seu sonho? Sonhos são bons, mas você não pode viver neles” (00:58:37). Interessante perceber como sua jornada é um tanto paradoxal: quanto mais experiências e reflexões são desenvolvidas, mais Rick continua buscando por sentido. Nada parece ser suficiente, mesmo com as diferentes percepções acumuladas ao longo do filme. Bill Stein, em depoimento para o livro *O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão*,

comenta sobre algumas consequências de conviver com tal doença: “Quando se é autoconsciente demais, é difícil estar completamente feliz” (p.74). A afirmação aplica-se a Rick, numa busca por sentido e paz espiritual que, vamos admitir, é cansativa e estressante. “Você acha que quando chega a uma certa idade as coisas começam a fazer sentido. Então você descobre que está tão perdido quanto estava antes. Suponho que isso seja condenação. Os pedaços da sua vida nunca se encaixando. Espalhados por aí”, reflete Joseph (00:52:20). Entretanto, tal estado não exclui os aspectos positivos de suas vivências, pois ensinamentos também são aprendidos, como será exposto mais à frente.

Voltando aos desenhos presentes na carta, Nichols (1988) comenta como as pessoas que caem da torre podem ter sido prisioneiros do intelecto:

Quem quer que viva exclusivamente num plano acima da terra perde contato com ela, com seus semelhantes e, inevitavelmente, com o seu próprio aspecto instintual, terreno. A visão panorâmica, estatística e intelectual, tende a obliterar os quentes contatos pessoais da vida cotidiana (NICHOLS, 1988, p. 283).

Comparando A Torre com a carta anterior na ordem dos arcanos maiores (XV – O Diabo), Waite (1985) faz uma analogia, afirmando que a primeira “diz respeito à queda no estado material e animal, enquanto a outra significa destruição no lado intelectual” (p. 54). Mesmo com suas conquistas profissionais, Rick está sofrendo uma queda de preceitos e pontos de vistas estreitos, nos quais eram consideradas apenas a *fast life*¹⁰ e a superficialidade. Isso é evidente exatamente no início do capítulo, quando ouvimos a conversa fútil e machista de dois executivos celebrando suas vidas, proferindo frases como “Beber é ruim, mas sentimentos são piores. Garotas sóbrias são as piores, mas as bêbadas também são” (00:49:05) e “Viver a minha vida é como jogar *Call of Duty*¹¹ no nível fácil. Eu só ando por aí e faço merda” (00:49:29).

“Você vive em exílio. Um estranho numa terra estranha. Um peregrino, um cavaleiro” (01:02:43), comenta Joseph. Esta poderia ser outra alternativa para a frase de abertura e que sumariza toda a jornada do protagonista. “A verdadeira imaginação se alimenta da ação e não da fantasia. Com isso quero dizer que se não fizermos nada com nossos sonhos, eles continuam vagos e sem relação com o resto de nossas vidas” (POLLACK, 1988, p. 56). A Torre compartilha o aspecto fantasioso da vida de Rick com suas aventuras com A Sacerdotisa,

¹⁰ “Vida rápida”, em inglês, expressão que denota um estilo de vida que procura aventuras instantâneas, geralmente relacionadas a álcool, sexo e outras atitudes irresponsáveis, numa tentativa de maior aproveitamento ante a efemeridade da vida e da juventude. A frase *live fast, die young* (viva rápido, morra jovem) é comumente encontrada em músicas e na cultura popular estadunidense.

¹¹ Série de *videogames* em primeira pessoa, tendo como cenário principal a Segunda Guerra Mundial.

reiterado por uma das últimas frases proferidas antes da próxima etapa: “Ninguém se importa mais com a realidade” (01:07:55).

3.8 II – A SACERDOTISA

“Você vive em um mundo de fantasia, não vive?” (01:09:35).

Figura 20 – A Sacerdotisa



Fonte: Clube do Tarô

Algumas das palavras-chave que ajudam a compreender a segunda carta dos arcanos maiores, A Sacerdotisa ou A Papisa – primeira mulher retratada como figura principal no tarô –, seriam paciência e sabedoria. Na carta, ela está sentada com vestes pesadas e um livro no colo. A cortina atrás de si cobre o que parece ser seu templo, ou um segredo. Na sequência das cartas, aparece logo após O Mago e é seguida por outra figura feminina, A Imperatriz.

“Em seus aspectos espiritualizados surge como a Virgem Maria e como Sofia, a Sabedoria Divina” (NICHOLS, 1988, p.84). Paciente, ela espera, podendo representar também a gestação (assim como O Eremita) e a transformação do espírito em carne. Tais significados fazem uma ligação com o próximo capítulo, aonde Rick se envolve com uma mulher casada e ela engravida.

A personagem retratada neste capítulo é Karen, dançarina numa boate que se diverte com os clientes e pessoas que conhece. Ao contrário das roupas pesadas usadas pela figura nas cartas, aqui a Sacerdotisa veste roupas leves e, ao trabalhar, apenas roupa íntima. Em certo trecho, Karen comenta:

Às vezes acho que sei tão mais sobre o mundo do que as outras pessoas. Sabe, eu usei drogas uma vez, e isso meio que abriu uma janela para mim. Eu chamo isso de Janela da Verdade. Eu vejo o mundo com outros olhos. Eu vejo coisas que as outras pessoas não veem. Acho que você teve essa experiência também (01:12:02).

Uma narração em voz *over* discursa sobre o Castelo da Dúvida, referenciado no já citado livro de John Bunyan (O peregrino). Na história alegórica, o protagonista Cristão e seu companheiro Esperançoso são capturados pelo gigante Desespero e trancafiados no calabouço de tal castelo. Deprimido e culpado, Cristão acaba recebendo influência positiva de Esperançoso e descobre a saída, como proferido no monólogo citado durante o filme:

Quão tolo eu sou? Deitar numa masmorra fedorenta, quando eu posso também andar em liberdade. Eu tenho uma chave no meu peito chamada Promessa. E estou persuadido a abrir qualquer fechadura no Castelo da Dúvida. Embora neste estado escuro e sombrio, Ele transformou a sombra de morte na manhã (01:17:24).

Tal jornada de fé caracteriza o dilema de Rick: sabendo que a solução para sua crise está em si mesmo (autoconhecimento), ele continua a perambular na escuridão da masmorra ao invés de caminhar em liberdade. “O único jeito de sair é entrando” (01:12:48), comenta Karen em determinado momento. Ele precisa desenvolver a sabedoria para escolher se continua seguindo para o constante despertar ou voltar a dormir. “Então eu adormeço de novo” (01:13:32), reflete Rick.

Em seus passeios com Karen por shoppings, mansões, hotéis e luxuosos cassinos, um personagem – aparentemente um cafetão – profere: “Mesmo estando na escuridão, eu acredito na luz” (01:15:08). Isso denota que a elevação espiritual não segue preceitos econômicos ou morais, sendo um tema compartilhado por todos os seres humanos. Em todos esses lugares, Rick geralmente apenas observa: as pessoas, as estátuas, as fontes, a grandeza de todos os estabelecimentos. Karen, ao contrário, corre e se diverte em tanta megalomania. Tais sequências possuem diversos planos filmados com a câmera em posição *contra-plongée*¹², tornando assim o personagem observador quase insignificante diante de tais construções.

¹² Enquadramento no qual filma-se de baixo para cima, sendo assim o oposto do *plongée* (mergulho, em francês).

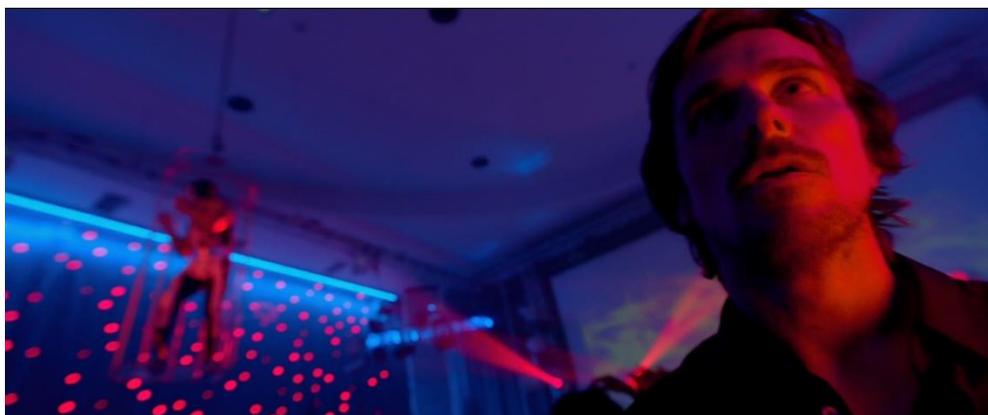
Figura 21 – A Lua e diversas torres em contra-plongée



Fonte: CAVALEIRO (2015)

A frase que abre o capítulo se relaciona com a frase d’A Torre. A sequência final do capítulo reitera as sentenças proferidas por Karen sobre o mundo onírico aonde Rick parece estar vivendo: ele novamente se encontra em uma festa com luzes coloridas, observando pessoas caricatas usando fantasias, performances mirabolantes, papel picado e brilhante caindo do teto. Neste mundo fantasioso, ele pode “ser um santo, Deus, um idiota” (01:09:55), como diz Karen quando os dois se encontram pela primeira vez. Assim como no capítulo d’O Eremita, ele percorre a festa e parece se dar conta de não pertencer àquele lugar, além de ter outra pílula na mão, outro paralelo com a festa na casa de Tonio. “Você está com medo?” (01:20:47). Chegando neste ponto, Rick continua atordoado. De qualquer maneira, ele não deixa de tentar, continuar sua busca. “Por trás do medo estão as experiências mais felizes e enriquecedoras que é possível ter” (BANZHAF, 1997, p. 170).

Figura 22 – Rick perambula pela festa





Fonte: CAVALEIRO (2015)

Como já citado no início deste trabalho, existem diversos baralhos de tarô. Em minha pesquisa, esbarrei com um que me deixou impressionado por suas cores e reinterpretação psicodélica das cartas. Trata-se do baralho de Waite reinterpretado e ilustrado pelo artista estadunidense Oliver Hibert. Infelizmente não é possível encontrar todas as cartas disponíveis na internet, porém me deparei com sua versão d'A Sacerdotisa e logo tracei uma relação com Karen devido à 1) sua relação com as drogas; 2) sua juventude e dinamismo e 3) as cores fortes do trunfo, principalmene o laranja, rosa e verde. Tanto na sequência inicial – quando Rick e Karen encontram-se pela primeira vez – como nas cenas finais da festa existe a iluminação neon (ou *bisexual lightning*¹³), como visto na Figura 23.

¹³ “Iluminação bissexual”, em inglês. Termo que se refere a um tipo de iluminação popular no audiovisual atual, composta primordialmente pelas cores azul, rosa e roxo, sendo essas também as três cores da bandeira da bissexualidade (criada em 1998 pelo estadunidense Michael Page).

Figura 23 – A Sacerdotisa: Hibert e um plano do filme

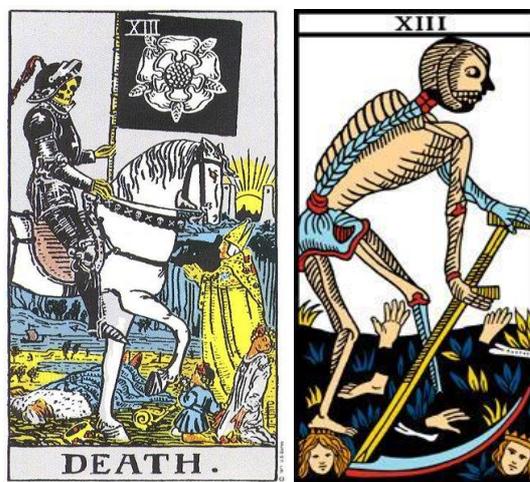


Fontes: Oliver Hibert¹⁴; CAVALEIRO (2015)

3.9 XIII – MORTE

“Tem tanto amor dentro da gente. Que nunca sai” (01:36:27).

Figura 24 – Morte



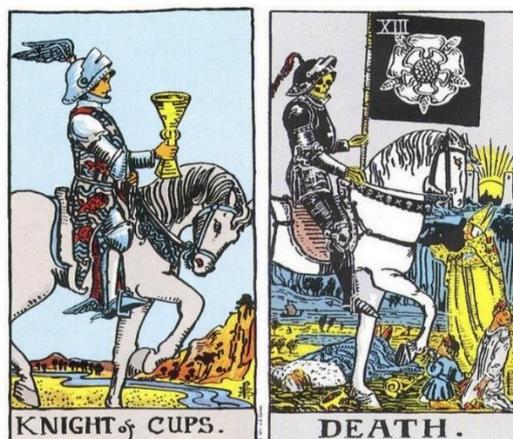
Fonte: Clube do Tarô

A Morte (ou o Arcano sem Nome) é a décima terceira carta na sequência dos arcanos maiores, situada entre O Enforcado e A Temperança. No tarô de Waite, possui grande semelhança com o próprio cavaleiro de copas, com uma figura esquelética empunhando uma bandeira enquanto cavalga por entre corpos e um terreno assolado por destruição (Figura 25), porém este é um cavaleiro negro. Já na versão de Marselha, vemos um esqueleto ceifando a

¹⁴ Disponível em: <www.oliverhibert.com/>. Acesso em: 22 out. 2018.

terra, aonde encontram-se cabeças, mãos, ossos e um pé, o solo é escuro e contém plantas azuis e amarelas. Esta é a única carta no tarô de Marselha que não possui nome e compartilha um paralelismo com o trunfo d'O Louco, o único sem numeração.

Figura 25 – Comparação entre Cavaleiro de Copas e a Morte



Fonte: Clube do Tarô

Semelhante à interpretação d'O Julgamento, as palavras-chave que tradicionalmente caracterizam esta carta são transformação, renovação e desmembramento. Simbolicamente, a morte pode significar a passagem de algo a um estágio maior e mais evoluído. A estranheza causada por este trunfo também é intrínseca à sua numeração (13), culturalmente associada ao azar.

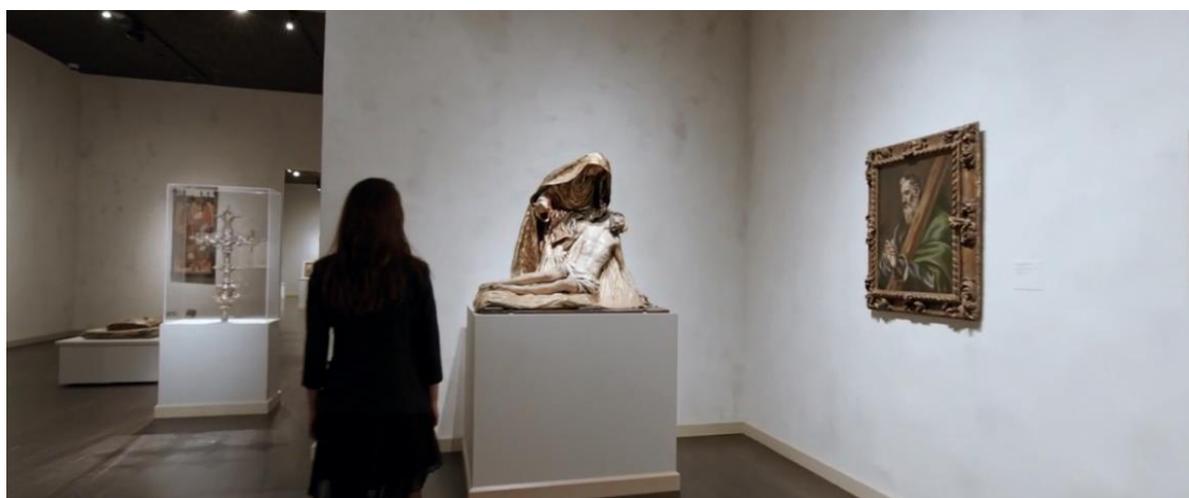
Este último capítulo-carta é o mais longo do filme, sendo seguido pelo capítulo derradeiro, Liberdade. Aqui, Rick envolve-se com Elizabeth, uma mulher casada. Ela acaba engravidando e fica em dúvida sobre a paternidade da criança. Também voltamos à relação pai-filho-irmão que perpassa Rick n'O Enforcado e também n'A Torre. Segundo Jodorowsky (2016), esta é a etapa aonde “nenhum outro elemento inútil é tolerado, os sistemas de valores e os conceitos redutores que nos fecham são abolidos, e com eles a cumplicidade que até agora mantínhamos com nossa não realização ou com nossa neurose”. Durante seus momentos com Elizabeth, Rick reflete: “Então é isso o que somos. Um fogo” (01:27:35). Posteriormente, quando ela afirma estar grávida e o relacionamento deles definha, Elizabeth se pergunta “O que nós somos agora?” (01:33:49). Este outro caso conturbado reitera a irresponsabilidade de Rick com a maioria de seus relacionamentos: sua crueldade com Nancy, seu aborrecimento com o pai e irmão, seu desejo passageiro com suas parceiras sexuais, a superficialidade e efemeridade nos contatos profissionais.

Nos momentos iniciais (e mais felizes) de sua relação, Elizabeth e Rick passeiam por um museu, observando obras de arte modernas e muitos quadros antigos com iconografias cristãs, inclusive uma estátua de Jesus sangrando nos braços de Maria, na qual Elizabeth pára e observa por alguns segundos (Figura 26). Visitam também uma grande propriedade – repleta de árvores, plantas e água – de um (ex) monge tibetano. “As distrações são muito poucas, e isso é a grande atração da vida de um monge” (01:24:09), comenta ele. Enquanto Elizabeth caminha e observa o lugar, Rick escuta os ensinamentos daquele homem, que prega uma vida simples. “Ensinando agora, eu só ensino uma coisa. Eu só ensino este momento. Preste atenção neste momento. E tudo está aqui, perfeito e completo” (01:24:16). Tal frase denota a efemeridade da vida e também reflete a experiência fílmica de Cavaleiro de Copas como um todo, perpassando sua narrativa e montagem fragmentadas e a própria finitude do longa-metragem, que se aproxima de uma “conclusão”.

Outro contato com o Cristianismo ocorre em uma igreja, aonde se vê um padre discursando – possivelmente para Rick, pois notamos o quão vazio está o local, a não ser por uma senhora que também presta atenção nas palavras:

Parece que você está sozinho. Mas você não está. Até agora, Ele está segurando sua mão e te guiando por um caminho que você não vê. Se você estiver infeliz, você não deve tomar isso como uma marca da desaprovação de Deus. É o contrário. Deve ser o sinal de que Ele te ama. Ele mostra Seu amor não te ajudando a evitar sofrimento, mas lhe enviando sofrimento, te mantendo lá. Sofrer o liga a algo maior do que a si mesmo, maior do que sua própria vontade. Leva-o do mundo para descobrir o que há além disso. Nós não existimos apenas para aguentar pacientemente os problemas que envia, estamos a considerá-los como presentes. Como presentes mais preciosos do que a felicidade que desejamos para nós mesmos (01:38:20).

Figura 26 – Elizabeth observa uma estátua religiosa



Fonte: CAVALEIRO (2015)

O diálogo do padre reitera a jornada percorrida por Rick sob um viés divino, já que sua peregrinação o conecta, ao mesmo tempo, com o divino e com ele mesmo – a busca pelo “renascimento da divindade interior” (BYINGTON). Na missa católica, por exemplo, a Comunhão representa a celebração do corpo (pão / óstia) e sangue (vinho) de Cristo, que se sacrificou por seu povo. Como diz o próprio padre, o sofrimento não deve ser evitado e a morte – seja ela espiritual ou física – também não. Porém, enquanto a morte física é inevitável, a morte espiritual/figurativa é opcional. No capítulo do Enforcado já fora evidenciado que Rick perdeu seu irmão mais novo (Billy), que aparentemente cometeu suicídio: tal ato, assim como a própria morte física, é um ato solitário, experimentado apenas por si.

Nichols utiliza a expressão “o Grande Sono” (p. 239) como um tipo de eufemismo para a morte. Imediatamente faz uma conexão com Rick, que está dormindo – literal e figurativamente – no início do filme, quando o terremoto o acorda para sua jornada. A cada nova descoberta, ocorre uma morte diária, um pequeno renascimento a cada fachada que desaba, a cada velho hábito que deixa de ser praticado. Ao descobrir que está grávida, Elizabeth comenta como que, ao acordar, esqueceu-se do fato por alguns minutos, até sua consciência lhe lembrar do ocorrido. Assim, no curto intervalo entre despertar e lembrar das dores, ela é feliz.

Outra interpretação interessante vem da expressão *little death* (pequena morte, em inglês), que carrega um sentido figurativo do orgasmo, no qual experimenta-se uma sensação de entorpecimento e desligamento da vida terrena através do prazer. Rick chega a comentar seu desejo em fugir com Elizabeth, construir uma nova vida e até se casar com ela. “[...] nós ‘adoramos’, nós ‘veneramos’ o ser amado; quando estamos apaixonados, ficamos em ‘estado de graça’, estamos ‘no sétimo céu’, ‘morremos’, seja de alegria, seja de tristeza” (JOHNSON, 1997, p. 242). Elizabeth também cultivava tal crença, afirmando que “amor é tão raro que quando você o encontra, você não duvida dele” (01:22:11). Mas eles não se amam, é evidente: usam-se na obtenção do prazer e fuga de suas rotinas. Inclusive, o prazer é um motivo buscado constantemente pelo protagonista em seus empreendimentos pelos diversos lugares e eventos frequentados durante o filme. Os caminhos para o entorpecimento são diversos: apego ao passado, fantasias sobre possíveis realidades paralelas, uso de drogas. Tais caminhos não se aplicam apenas à tentativa de distração, mas quem sabe, à negação da inevitável chegada da morte em algum momento, para todos nós.

Após a separação velada, Rick é acometido por uma visão, na qual Elizabeth e uma menina estão vestidas de branco em uma sala com névoa. Ela brinca e corre, enquanto Elizabeth está sentada em uma cadeira. Será sua filha? Os tons claros presentes na direção de arte indicam

pureza, mas a névoa remete à incerteza: provavelmente, Rick não conhecerá tal criança nem fará parte de sua vida, sendo que Elizabeth parece ter voltado à sua rotina anterior ao encontro com o protagonista.

Rick também se reencontra com seu irmão e pai, causando outro momento de tensão, briga e cadeiras quebradas. Vemos, pela segunda vez (a primeira sendo n’O Enforcado) Rick gritando e deixando a raiva extravasar. No entanto, ao final do capítulo, ele aparenta ter feito as pazes com o pai: vê-se um plano no qual os dois estão chorando abraçados e a voz *over* de Joseph diz “Estou orgulhoso de você. Você fez bem. Melhor que eu, como era pra ser” (01:42:24).

A melhor maneira de preparar-nos para uma longa jornada, de duração infindável, a uma terra desconhecida seria, provavelmente, livrar-nos de todas as bagagens desnecessárias. Um modo de fazê-lo talvez seja examinar os nossos pertences, escolhendo apenas os artigos essenciais ao nosso bem-estar espiritual e físico, deixando o resto para trás. Está visto que o truque consiste em reconhecer o essencial (NICHOLS, 1988, p. 239).

Já sugerido durante o capítulo d’O Julgamento, o essencial a ser reconhecido por Rick é o amor. O cultivo e, principalmente, a manutenção de bons relacionamentos com as pessoas em sua vida. Através do amor pelos outros ele poderá encontrar a pérola que tanto procura, que sempre esteve dentro dele. A mudança pretendida pelo tarô acontece dentro do indivíduo, não é a busca por algo externo e/ou material.

Como um momento de respiro após tantos acontecimentos, vemos Rick novamente no deserto (01:35:30). Ele chora, e ouve-se apenas o som ambiente do local, sem festas, música alta, desconhecidos, luzes coloridas, velocidade. Sozinho em silêncio (Figura 27). “Como eu começo?” (01:41:10), ele se pergunta novamente, criando um paralelo com o início do filme. Surge também o questionamento: estaria ele realmente no deserto ou esta é a representação de seu estado de espírito? Acredito que as duas coisas: fisicamente, este seria um dos únicos lugares no qual ele poderia estar completamente sozinho. Simbolicamente, o deserto pode simbolizar seu desligamento – tanto com o mundo exterior quanto com sua espiritualidade e vida interior.

Figura 27 – Rick no deserto



Fonte: CAVALEIRO (2015)

5 CONCLUSÃO

“Todos aqueles anos, vivendo a vida de alguém que eu não conhecia”.

Esta é a primeira frase proferida por Rick no longa-metragem (aos 02min25s). Após analisar sua jornada e retornar a esta proposição inicial, pode-se deduzir que o protagonista foi transformado de alguma maneira.

O capítulo derradeiro de Cavaleiro de Copas chama-se Liberdade. Em uma possível leitura “definitiva” ou “conclusiva”, Rick parece ter se envolvido com uma mulher – que não sabemos o nome – e teve um filho. Não é definido se ele se estabeleceu ou escolheu determinado estilo de vida. O último plano retrata uma estrada, possivelmente representando a continuidade de sua peregrinação.

Figura 28 – Último plano do filme



Fonte: CAVALEIRO (2015)

Como já citado durante a monografia, a jornada de Rick espelha a minha própria. Finalizar este trabalho de conclusão de curso é certamente uma vitória e pode ser classificado como uma odisséia: as diversas referências e leitura constante, a preguiça recorrente, a falta de crença no produto final, e vários outros questionamentos surgidos durante todo o processo me cansaram. Não apenas neste âmbito acadêmico, mas questões pessoais não poderiam ter deixado de exercer sua influência neste trabalho.

As imagens cinematográficas geralmente formam uma sequência lógica na intenção de gerar significados ao espectador, que decodifica as intenções do enredo. Já no tarô, diversas são as possibilidades de criação e interpretação; descobri assim ser inviável uma total decodificação

dos trunfos aqui citados, pois parte da iniciativa e diversão envolvendo esta monografia apoiam-se justamente neste processo de descoberta. O mesmo se aplica ao próprio longa-metragem *Cavaleiro de Copas*: a constante visualização do filme como objeto de estudo ensinou-me a observar, a reparar em detalhes que geralmente nos escapam na primeira vez que admiramos/assistimos alguma obra artística. As particularidades e detalhes habitam não apenas o cinema e o tarô, mas a vida cotidiana, os relacionamentos.

Em minhas pesquisas, encontrei poucos escritos relativos a associações entre o cinema e o tarô: ambos lidando com narrativas visuais, creio que este trabalho possa ser outra referência a qualquer pessoa interessada em aprofundar o conhecimento nessas áreas e também como uma ponte entre a Academia – geralmente vista como burocrática – e a aprendizagem humana proporcionada por experiências retratadas “formalmente”.

Outra descoberta interessante foi a presença do tarô em outras mídias: suas imagens e símbolos têm grande apelo ao público. Com a internet e o consequente rápido compartilhamento de informações, o tarô continua sendo atualizado e utilizado em diferentes contextos e releituras. Grande parte do conceito visual e narrativo do álbum *hopeless fountain kingdom*, da cantora estadunidense Halsey, é composto por recriações de trunfos (Figura 29). Na Figura 30 vamos três outros exemplos: o artista curitibano Gustavo Paim também se utiliza do tarô em seu trabalho “Sombras”, especificamente da carta do Enforcado; a cantora estadunidense Wolfie faz uma releitura do Cinco de Copas na capa de seu single *Contradiction*; e na capa da Revista Veja (28/03/2018, ano 51, nº 13) vemos uma releitura da carta d’A Torre, referenciando o escândalo enfrentado pelo Facebook e seu vazamento de informações no início de 2018.

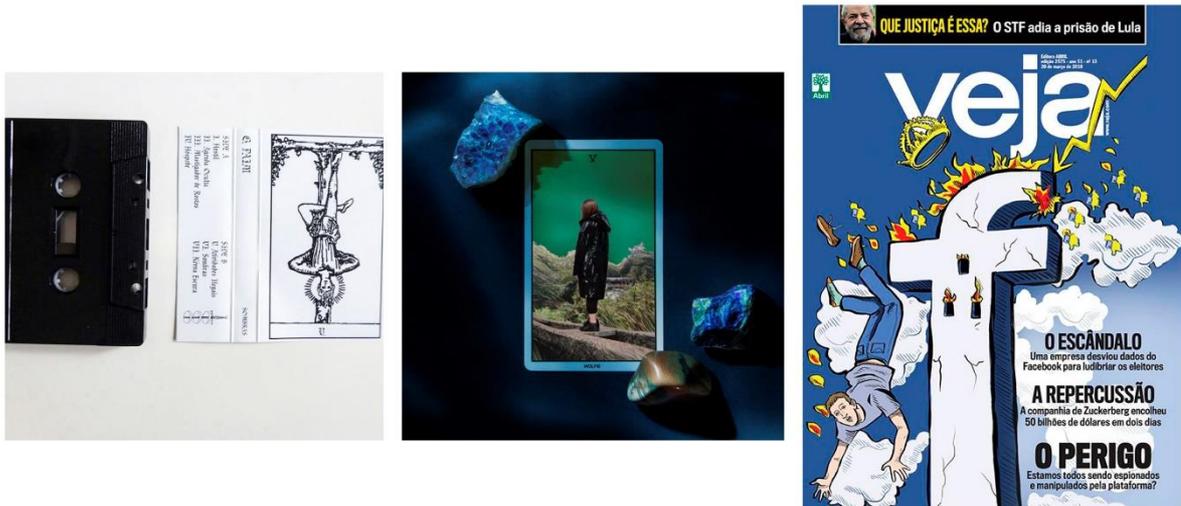
Figura 29 – Singles do álbum *hopeless fountain kingdom*



Fonte: Discogs¹⁵

¹⁵ Disponível em: < <https://www.discogs.com/artist/4298621-Halsey>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Figura 30 – Tarô em mídias atuais



Fontes: Facebook, Discogs e Revista Veja.¹⁶

Portanto, aqui finaliza-se esta monografia, que acredito ter cumprido seu papel em comparar determinadas cartas do tarô com a narrativa cinematográfica do longa-metragem Cavaleiro de Copas, além de servir como jornada pessoal ao autor e possibilitar outras descobertas, como as citadas acima.

¹⁶ Disponível em: < www.soundcloud.com/g-paim>; <www.facebook.com/ItsWolfieMusic/> e <www.veja.abril.com.br/edicoes-veja/2575/>. Acesso em: 22 out. 2018.

REFERÊNCIAS

AMERICAN Horror Story: Cult. Produção de Ryan Murphy. Los Angeles/EUA: Fox Entertainment/Ryan Murphy Television, 2017. 3º episódio. 1 arquivo digital (44min).

BANZHAF, Hajo. **O tarô e a viagem do herói**. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

BORDWELL, David. **In critical condition**. Disponível em: <www.davidbordwell.net/blog/2008/05/14/in-critical-condition>. Acesso em: 9 maio 2018.

BOTELHO BYINGTON, Carlos Amadeu. Transcendência e totalidade. **Revista Viver Coleção Memória da Psicanálise – Jung**, nº 02, p. 07-08 – Sem ano.

CAMARGO, Pedro. **Iniciação ao tarô**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

CAVALEIRO de Copas. Produção de Nicolas Gonda, Sarah Green e Ken Kao. Los Angeles/EUA: Film Nation/Waypoint Entertainment, 2015. 1 arquivo digital (01h58min14s).

COSTA, Marianne; JODOROWSKY, Alejandro. **O Caminho do Tarot**. São Paulo: Editora Campos (Selo Chave), 2016.

CLUBE DO TARÔ. Disponível em: <www.clubedotaro.com.br>. Acesso em: 02 dez. 2017.

CONTEMPORARY TAROT. **Knight of Cups in 4 Minutes**. 2017. (04min27s). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=WypfoK_OCLI>. Acesso em: 14 set. 2018.

DA SILVA, Cíntia Cristina. **O que é a lenda do Santo Graal?** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-lenda-do-santo-graal/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

DE ANDRADE, V. *Releituras fotográficas dos arcanos maiores do tarô*. 2014. 66f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

DECIFRANDO o Passado - O Segredo das Cartas de Baralho. Produção de Alex Kohler e Carol White. Brighton Films LTD/History Channel, 2006. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=-AJnwkvabbw>. Acesso em: 9 abr. 2018.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Editorial Minerva, 1979.

FERREIRA, Helder. Obra em expansão. **Revista CULT**. nº 213, p. 16-21 – Junho 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; EDELWEISS BUJES, Maria Isabel (Org). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidade de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.p. 117-140.

JOHNSON, Robert A. **We: A chave da psicologia do amor romântico**. São Paulo: Mercuryo, 1997.

LIKE STORIES OF OLD. **Knight of Cups: Our Eternal Quest for Meaning – Kierkegaard’s Existentialism**. 2017. (10min32s). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=0ZE1_bRUgsA>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MARKOS, Louis. **Na estrada com Bunyan**. Tradução de Leonardo Bruno Galdino. Disponível em: <<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2016/05/na-estrada-com-bunyan/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa: Volume 2**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

MISTÉRIOS DO TARÔ DE MARSELHA. Disponível em: <www.misteriosdotaro.blogspot.com.br>. Acesso em: 02 dez. 2017.

MONTANO, Mario. **Tarot, el espejo de la vida. Manual para el Tarot Waite**. Madri: Arkano Books, 2001.

NAIFF, Nei. **Tarô, Carma e Numerologia – Um estudo do código da alma**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô: uma jornada arquetípica**. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

POLLACK, Rachel. **Setenta e oito graus de sabedoria: um livro de tarô**. 2ª v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

ROSA JÚNIOR, C. *Cartas marcadas: Multimodalidade discursiva e Transitividade em baralhos de tarô*. 2010. 131f. Dissertação de Pós-Graduação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WAITE, Arthur Edward. **Tarô – A Sorte Pelas Cartas.** Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A.,1985.

ANEXOS

Anexo A – Arcanos maiores do tarô – Baralho de Rider-Waite (22 cartas)

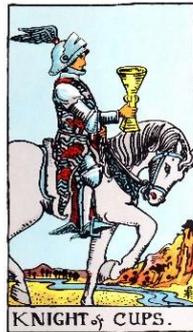


Anexo B – Arcanos menores do tarô – Baralho de Rider-Waite (40 cartas)

- As dez cartas de cada naipe (paus, copas, espadas e ouros, respectivamente).



Anexo C – Arcanos menores do tarô – Baralho de Rider-Waite (Figuras da corte – 16 cartas)
 - As quatro figuras da corte de cada naipes



Anexo D – Carta do Cavaleiro de Copas em detalhe

